

## **Grafite em Fortaleza: Livro-Reportagem e a Comunicação na Cidade<sup>1</sup>**

Fernanda de Façanha e CAMPOS<sup>2</sup>

Alessandra Oliveira ARAÚJO<sup>3</sup>

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

A presente pesquisa apresenta a produção de um livro-reportagem sobre o grafite em Fortaleza. Tendo como a finalidade de analisar e contextualizar a produção destas intervenções em Fortaleza elaborou-se um relato crítico sobre a técnica de produção dos conteúdos teóricos e práticos a partir do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso no Curso de Jornalismo na Unifor. A investigação utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica que teve como fonte os autores Belo (2006), Lima (2009), Kotscho (1995) e Campos (2007). O resultado foi a produção de um livro-reportagem em que foram elaboradas entrevistas e reportagens sobre o grafite em Fortaleza. A conclusão destaca que o grafite em Fortaleza está em ascensão, mas ainda é visto como arte marginal por parte da sociedade. Ainda assim, o grafite resiste na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro-reportagem; comunicação; grafite em Fortaleza; cidade.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo foi motivado a partir do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, um livro-reportagem, como produção de trabalho no curso de jornalismo. O texto surgiu pela importância de conceituar o livro-reportagem e o processo de produção a fim de fazer uma reflexão sobre a prática desenvolvida e, também, um aprofundamento sobre esta técnica jornalística que vem sendo utilizada para a descrição de detalhes.

A metodologia do artigo é uma descrição do processo, um relato de experiência a partir da criação do livro-reportagem aqui já citado a fim de servir de exemplo para outros estudantes que pretendem realizar um estudo sobre o produto. Foi feita uma pesquisa bibliográfica pesquisando os livros relacionados a livro-reportagem e leituras

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Comunicação Social Jornalismo da Universidade de Fortaleza, Unifor, email: [fernandedefacanhac@gmail.com](mailto:fernandedefacanhac@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, Unifor, email: [alessandraoliveira@unifor.com.br](mailto:alessandraoliveira@unifor.com.br)

de livros-reportagem com objetivo de estudar a técnica e ver alguns exemplos para desenvolver o produto e este artigo.

Para isso, inicialmente, explicaremos sobre livro-reportagem, conceitos, a técnica, a importância do aprofundamento. No desenvolvimento haverá explicações sobre a temática desenvolvida no livro que propõe contextualizar sobre o grafite em Fortaleza.

## 1. LIVRO - REPORTAGEM

O livro-reportagem é um formato jornalístico que permite o aprofundamento das informações, possuindo características próprias que não necessariamente sigam o jornalismo convencional, do dia a dia, que possui periodicidade e rapidez com a informação. Conforme Edvaldo Pereira Lima (2009), os recursos técnicos utilizados para a idealização e realização de um livro-reportagem é um formato de produção jornalística, pois trabalha com a apuração de informações e o seu detalhamento provém de uma prática que possui atividades específicas da comunicação, como entrevista, escrita da reportagem e detalhamento de informações .

Lima (2009) entende a reportagem como uma forma de abordar determinado tema com detalhes e minuciar a temática com o desenvolvimento da matéria. Assim, para ele, o desenvolvimento do livro-reportagem possui o que ele intitula de “grau de amplitude superior” da notícia, já que mesmo partindo do pressuposto de algo factual, o livro-reportagem detalha os acontecimento sobre aquele fato, não necessariamente contemplando apenas acontecimentos atuais, mas também históricos e até com amplitude mundial.

Ao citar horizontalização do relato, o autor esclarece que essa extensa explicação em detalhes possibilita o desenvolvimento do tema por completo, ou pelo menos a tentativa dessa completude. Isso por que, muitas vezes, pode não ser possível a total extensão e esclarecimento do fato, devido a questões temporais e de espaço. Assim, o produto pretende ser um panorama de um determinado acontecimento, esclarecendo, por olhares de determinados entrevistados, vivências e experiências diferentes sobre esta temática. Além disso, há a necessidade de um aprofundamento sobre o tema a partir de pesquisas, leitura de livros, notícias e outros documentos disponíveis.

De acordo com Paula Rocha e Cintia Xavier (2013), o livro-reportagem é uma obra que trata de acontecimentos ou fenômenos reais a partir de procedimentos metodológicos do jornalismo e possui características literárias. As autoras consideram que são identificados de quatro a cinco elementos constitutivos do jornalismo, como interesse público, periodicidade, novidade, atualidade e veracidade. Entretanto, o tema pode ser histórico, possuir uma pertinência atual ou também ter sido pouco trabalhado, a partir do ponto de vista que o livro-reportagem propõe, podendo assim ser uma novidade.

Outro procedimento adotado no livro-reportagem é a humanização, ou seja, aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto. Nesse sentido, as fontes sejam oficiais ou não, ou oficiosas aparecem como personagens e podem receber tratamento isonômico não hierárquico. (ROCHA, Paula, XAVIER, Cintia, 2013, p. 151).

Edvaldo Pereira Lima (2009) também considera que a lógica de um livro-reportagem se difere das publicações periódicas. Para ele, com os extensos detalhes, o produto abordará as características de uma temática de forma mais aprofundada, fazendo com que o leitor adquira mais informações. Este material é mais denso, possuindo detalhes, curiosidades, fatos históricos e sociais que envolvem o assunto principal do livro.

É com esse raciocínio que se pode compreender o espaço que o livro-reportagem acaba ocupando, preenchendo o vazio deixado pelas publicações periódicas. Trata-se da questão da superficialidade e do extremo oportunismo com que se apresenta o trabalho da imprensa cotidiana. Atrelada ao fato em ocorrência, a imprensa luta contra o relógio, briga com a concorrência, desse modo praticando em muitas ocasiões o de uma informação pública imprecisa, incompleta. (LIMA, 2009, p. 31, 32)

O autor também considera que o livro-reportagem é um formato de comunicação jornalístico não periódico, mas que também é eficiente. “Mas se alçamos a vista para encarar o fenômeno completo, dinâmico, como um processo da comunicação social moderna, então podemos entendê-lo como um subsistema híbrido, com ligações secundárias com o sistema editorial” (LIMA, 2009, p. 38).

Lima (2009), utiliza como exemplo “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, já que na época o jornalista foi a campo para o conflito que ocorreu em Canudos a fim de

cobrir o acontecimento para o jornal Folha de São Paulo. Entretanto, ao chegar no local e se deparar com diversos problemas decorrentes, a cobertura passou a ser completa e detalhada, resultando não apenas em matérias periódicas para o jornal, mas possibilitando a documentação deste acontecimento histórico para o Brasil. “A busca das raízes das forças desencadeadoras de Canudos, em Euclides, tinha um objetivo mais elevado do que apenas entendê-lo. O panorama de fundo com o qual o autor está preocupado é com o país em formação, sua nacionalidade, sua identidade” (LIMA, 2009, p. 214)

Conforme Lima (2009), a partir do contato com a realidade a reportagem vai se transformando. Assim, utilizando ainda o exemplo de Euclides da Cunha, o autor elucida que o repórter deve deixar o canal livre "para aflorar o seu potencial de repórter, de pioneiro" (LIMA, 2009, p. 216). Assim, a descrição do ambiente, do cenário social e histórico possui uma grande importância nesse contexto de produção e elaboração do livro-reportagem.

Na formação do livro-reportagem no Trabalho de Conclusão de Curso, escolhemos essa técnica para explicar como o acontecimento se deu, por exemplo: no primeiro capítulo entrevistamos dois grafiteiros. Assim, descrevemos a relação que os dois possuíam como amigos, o local da entrevista e a história de cada um, priorizando como eles conheceram e adentraram no mundo do grafite.

O aprofundamento da informação e o contato com várias fontes tornam a discussão importante sobre a relação entre o entrevistador e o entrevistado, como aponta, Ricardo Kotscho (1995) em “A prática da reportagem”. O autor considera que para conseguir informações o repórter deve ganhar a confiança de sua fonte. Ele também pontua que para uma reportagem eficaz com a descrição de conhecimentos do que está sendo discutido é preciso a leitura prévia sobre o tema e pesquisas.

Filão mais rico das matérias chamadas humanas, o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado - seja um personagem, um prédio ou uma cidade. Para isso, é necessário que ele se municie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar é preciso antes de mais nada conhecê-lo bem. (KOTSHO, 1995, p. 42)

Assim, Kotscho (1995) reflete que a matéria deve ser uma forma que faça com que o leitor conheça melhor sobre algum assunto, por isso deve ser escrita com uma linguagem simples e direta. A leitura possibilita que o leitor se interesse ainda mais

pelo livro. A reflexão do autor vale para as matérias do cotidiano, mas também para o livro-reportagem, pois trata-se de um formato jornalístico.

Nesse ponto, Kotscho (1995) considera que a criatividade do autor é de suma importância já que será a forma como é contado as entrevistas e os resultados obtidos por elas.

A matéria vai descrevendo o que encontramos pela frente e, no final, um fato inesperado permitiu dar um toque mais pessoal no relato da viagem. O objetivo dessas matérias é fazer com que o leitor viaje junto o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como estivesse escrevendo uma carta para um amigo. (KOTSCHO, 1995 p. 16)

Como Kotscho descreve, acaba sendo uma função e responsabilidade do repórter e autor do livro incluir o leitor naquele lugar desenvolvido na narrativa. Isso porque a partir da linguagem e até da utilização de fotografias, a fim de ilustrar esse contexto dito na narrativa, pode ficar mais claro ao indivíduo as questões relevantes que estão escritas no livro.

Outra autora, Ana Estela de Sousa Pinto (2009), considera que uma boa entrevista depende também da pesquisa, observação e documentação feita antes dela. Assim, acrescenta que a preparação do entrevistador é essencial para o bom resultado daquele diálogo.

Ter uma hipótese não significa se fechar numa opinião. É preciso entrevistar com espírito desarmado o suficiente para permitir que a hipótese seja refutada. Pressionar, acusar, tentar fazer com que a fonte aceite uma declaração ou diga aquilo que você quer ouvir não é a melhor estratégia para conduzir uma boa entrevista. (PINTO, 2009, p.109)

Com isso, a apuração a partir de entrevistas e pesquisas sobre o fato é indispensável para a produção de informações e desenvolvimento do livro-reportagem.

O autor Eduardo Belo (2006), na obra “Livro - Reportagem”, explica que a apuração é a busca de informações verdadeiras e contextualizadas. Assim, o repórter possui a função de organizá-las e explicar os fatos anteriores e atuais.

Apurar é antes de tudo buscar a informação verdadeira, e de preferência contextualizada. A mídia brasileira contextualiza muito pouco hoje. É obrigação do livro-reportagem fazê-lo. O público não quer simplesmente um amontoado de fatos. Quer entendê-los. Mesmo

nas melhores histórias, um livro-reportagem que se limita apenas à dimensão factual é sempre mais pobre que aquele que vai mais fundo na busca de causas e consequências. À reportagem cabe dar a dimensão dos fatos. Informações que permitam ao leitor concluir como as coisas se conectam no mundo, como interferem na sua vida ou até como funciona a lógica particular de um personagem - expondo traços de sua personalidade - são sempre úteis. Dão à narrativa uma dimensão humana. Despertam interesse. (BELO, 2006, p. 88)

Belo (2006) esclarece que a contextualização e detalhamento não quer dizer que as particularidades do conteúdo devem estar incluídas no produto, mas que o repórter deve compreender por inteiro o assunto. O autor pontua que a reportagem nasce da pauta e, conseqüentemente, o livro-reportagem também.

Como foi dito por Lima (2009), Belo (2006) concorda que, para o livro, a pauta se diferencia do que é proposto na maioria dos jornais. A apuração possui o papel de antecipar as futuras necessidades que o conteúdo do livro precisará, contribuindo para a organização do repórter ao pensar aquele material do início ao fim.

## 2. GRAFITE EM FORTALEZA

A temática escolhida para o livro-reportagem desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso que será apresentado neste artigo foi o grafite em Fortaleza. O livro-reportagem pretende realizar um panorama deste cenário. Assim, o livro busca mostrar como o grafite já abriu discussões na cidade, quem faz e pensa o grafite em Fortaleza, desde quando houve os primeiros movimentos dessa arte na cidade, os eventos que já aconteceram, os que continuam presentes e como os transeuntes e estudantes do assunto entendem este fenômeno na nossa cidade. No livro há o aprofundamento do assunto, trazendo também os critérios de noticiabilidade, como a veracidade e atualidade, resgatando ao texto questões históricas e sociais que envolvem o grafite.

Como o livro está em construção, ainda não foi finalizado, o título ainda não foi escolhido. Entretanto, a proposta é trazer a esse cargo palavras que descrevam de forma sucinta, completa e até poética, o cenário do grafite em Fortaleza. O livro-reportagem possibilita uma liberdade de escrita, mas preserva critérios jornalísticos como a veracidade. O produto também possuirá introdução e conclusão a fim de contar inicialmente a relação de grafite com a autora, como iniciaram as pesquisas feitas por ela e os resultados obtidos com a conclusão do trabalho.

---

Por meio de fotografias (da autora, de arquivos de grafiteiros e das instituições públicas), pesquisa bibliográfica em livros e jornais, entrevistas com grafiteiros e representantes de instituições públicas a nível municipal e federal, o livro-reportagem foi desenvolvido. Inicialmente foram pensados temas pertinentes para compor três capítulos do livro, sendo esses os grafiteiros, os eventos e festivais que acontecem na cidade e o patrimônio público e sua relação com o grafite.

Com o objetivo de retratar o cenário do grafite em Fortaleza, as entrevistas foram iniciadas em fevereiro de 2017. O primeiro capítulo, intitulado de “O grafite e os grafiteiros”, narra a realidade, história e memória do grafite a partir de cinco grafiteiros que atuam na cidade, cada um vindo de realidades diferentes, com perfis diversos e idades distintas. A autora acompanhou a realização de dois grafites e fez fotografias dessas intervenções. A linguagem do capítulo pretende ser clara, com um tom poético e identitário a cada entrevistado.

O segundo capítulo, “Encontros entre arte e cidade”, contou sobre os festivais e eventos que já aconteceram em Fortaleza, descrevendo os atuais e como os mais antigos podem ter possibilitado outros eventos virem a acontecer. Assim, a linguagem escolhida foi de reportagem tradicional, a fim de mostrar o factual e também os eventos pioneiros.

Por fim, o terceiro capítulo, “De quem é o patrimônio?” a partir de uma entrevista ping pong com arquitetos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), faz uma discussão sobre a definição do patrimônio, motivos de porque grafitar, situações que já aconteceram em Fortaleza e em outras cidades que contemplem o assunto. No seu desenvolvimento, há a busca de discutir a polêmica que aconteceu em 2013 envolvendo o Farol do Mucuripe, prédio tombado em 1983 pela Divisão de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura do Estado. Esta polêmica ocorreu a partir de postagens de internautas em redes sociais que tomaram posições contrárias o grafite realizado no Farol do Mucuripe, na primeira edição do Festival Concreto, naquele mesmo ano. Matérias de jornais registraram as indignações e argumentos utilizados por arquitetos e estudiosos no assunto que se posicionaram contra e outros a favor da intervenção.

Os capítulos são reportagens sobre três aspectos dentro de uma mesma temática, com o objetivo de apresentar e aprofundar o cenário do grafite em Fortaleza, trazendo questões históricas e seu desenvolvimento atual. Cada um pode ser lido sem possuir uma ordem, ficando a critério do leitor a escolha, já que não há uma continuidade na

narrativa, mas juntos contemplam e agregam informações pertinentes sobre o grafite em Fortaleza.

Há algumas ferramentas utilizadas no livro para possibilitar também uma escrita criativa, diversas informações e depoimentos que permeiam além do tempo atual. O primeiro e segundo capítulos possuem a seção “Janelas Paralelas” que complementam em poucos parágrafos sobre fatos que possuem alguma relação com o texto. No terceiro capítulo, foram utilizados os “Depoimentos”, que são opiniões de moradores de Fortaleza sobre o grafite na cidade e em prédios tombados.

Por fim, outra seção, que inicialmente foi uma saída para uma entrevista de pouca duração, é “Rabiscos e Pinceladas” que busca contar histórias por meio da linguagem de crônica sobre temas possíveis e pertinentes de acordo com a temática de dois capítulos do livro. A escolha para a escrita da crônica foi da autora por ser outra linguagem narrativa, também do campo jornalístico que permitia maior liberdade de escrita. Esta seção está presente no primeiro e terceiro capítulo.

### 3. APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Para embasar os pensamentos teóricos e práticos e percebidos durante as discussões e entrevistas, utilizamos o conteúdo lido e discutido no grupo de pesquisa Jornadas Urbanas e Comunicacionais (Jucom) desde março de 2016.

De acordo com Ricardo Campos (2007) na obra “Porque pintamos a cidade?”, ocorre uma reflexão do autor acerca do grafite no espaço urbano. Para ele, este fenômeno possui um contexto social e histórico que o define. Campos (2007) percebe esta linguagem como forma de comunicação pode ser convertida em um problema social.

Apesar disso, o grafite, e também outras formas de expressão na cidade que podem vir a serem colocados em muros possuem a intenção de comunicar algo a alguém ou a diferentes públicos. Sendo assim, possivelmente do público de quem comunica ao público de quem vê exposto na cidade (seja um transeunte, pessoas de diferentes idades e classes sociais) pode ser impactado de formas distintas ao que está sendo comunicado nos muros.

Para Campos (2007), se o muro é considerado lugar de ordem e harmonia, também pode ser, ou tornar-se, um lugar de confronto e desobediência, sendo um alvo

de disputas, uma arena de confrontos entre diferentes pessoas e grupos com objetivos e poderes diferentes.

Este aglomerado de signos pictóricos, de grafias impenetráveis, de traços aparentemente caóticos, espelha diferentes vontades enunciativas, modos distintos de utilizar a arquitetura e o mobiliário urbano. Estas mensagens têm uma autoria e um destinatário. Quem utiliza o espaço público urbano para comunicar fá-lo com um intento, assumindo este suporte como um veículo de transmissão de algo a alguém. (CAMPOS, 2007, p. 77)

Campos (2007) afirma que o grafite busca a visibilidade. O lugar de escolha para ser feito a arte urbana não é feito aleatoriamente, há intenção em grafitar, pixar ou modificar aquele lugar de alguma forma. “O espaço não é escolhido inopinadamente, existe uma clara intencionalidade na selecção do ambiente que vai abrigar a marca deixada pelo writer” (CAMPOS, 2007, p. 80).

No contexto sobre o olhar urbano do indivíduo, Massimo Canevacci (1997), em “A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação” esclarece que sobre como o olhar para e sobre a cidade começaram a ser desenvolvidos. Canevacci (1997) acredita que o olhar urbano passará a se refinar, modificar, a partir do desenvolvimento dos conhecimentos metropolitanos e históricos daquele lugar, por meio de conversas com habitantes, estudos e também observação do cotidiano.

[...] para que se refine o olhar urbano, o qual de um lado já foi educado para colher a multiplicidade coexistente dos signos emitidos pela comunicação tecnicamente reproduzível, mas, do outro, é ainda incapaz de decifrar o sentido de uma cultura diferente da cultura do observador, nos valores, nas crenças e nos comportamentos. (CANEVACCI, 1997, p. 16)

Assim, o autor desenvolve o conceito de polifonia que são duas ou mais melodias combinadas em uma só composição. Em uma cidade, por exemplo, os sons das buzinas, de freios de carros, das vozes de transeuntes, e do vento podem compor o coro polifônico dela.

Delineia-se assim, desde estas notas iniciais, uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas (CANEVACCI, 1997, p. 15).

---

Para Carla Galvão Farias (2015) em sua dissertação de mestrado, explica que os artistas contemporâneos podem produzir ficções em suas interferências sobre a cidade, sobre a paisagem, sobre a disposição, as formas, as cores, etc. Assim, podem provocar outras percepções e olhares sobre algo que muitas vezes não é sequer percebido ao recortar a paisagem do visível de um modo inédito. “Ainda assim, muitas dessas intervenções podem não ser compreendidas pelo público em geral, motivo pelo qual a arte contemporânea é alvo de muitas críticas, pois, para entender a ideia do artista, na maioria das vezes é necessário conhecer o processo criativo da obra” (FARIAS, 2015, p. 61).

A autora considera os artistas urbanos contemporâneos, como transgressores, já que possuem a capacidade de inquietar e questionar o público. Ela relaciona o termo ‘transgressão’ com desobediência, rebeldia e descumprimento de normas. “Entendo a transgressão como a expressão de modos de pensar, de produzir, de criar, que não visam ao consenso, mas, ao contrário, que muitas vezes propõem questionar, inquietar, mobilizar, ainda que isso provoque incômodos” (FARIAS, 2015, p. 62).

Segundo Farias (2015), apesar das reflexões que a arte urbana pode causar no público, ela não possui garantia em sua durabilidade, podendo ser modificada, retirada, destruída desde o momento em que é realizada. “A arte urbana, a princípio, não possui nenhuma garantia de durabilidade: trata-se de uma arte efêmera, que pode ser desfeita a qualquer momento” (FARIAS, 2015, p. 66).

Esse aprofundamento teórico foi importante para aguçar o olhar de pesquisadora que possui uma forte relação com o olhar do jornalista. Este deve ser curioso, deve trazer uma polifonia para as matérias, possibilitando espaço para diversas possibilidades da informação e para que a autora compreendesse a complexidade do tema e a relevância social que ele possui.

## CONSIDERAÇÕES

A experiência da investigação que proporcionou elaborar um livro-reportagem sobre a comunicação na cidade tendo como referência central o grafite produzido em Fortaleza nos permitiu a vivência com os artistas, possibilitou a realização de entrevistas a criação e elaboração do produto no formato jornalístico.

Desse modo, conclui-se que o grafite está em ascensão na cidade, mas ainda há muitas conquistas a serem realizadas visto que este tipo de expressão artística representa

uma atitude de resistência de um segmento marginal, considerando até um modelo efêmero de expressão artística, política e social. Porém, o grafite representa a arte fora da galeria. Fora do estúdio. É linguagem de comunicação de fácil visibilidade, atrativa ao olhar de qualquer transeunte. Porém, a interpretação é pessoal, ou seja, é como essa linguagem toca e ativa a sensibilidade das pessoas.

O grafite utiliza da livre inspiração com origem da experiência do artista na rua, sendo assim denuncia frente as limitações da vida social. Neste sentido se põe como atitude democrática de afirmação de uma outra cidadania possível. A intuição e técnicas, como as “mãos livres”, contribuem para a definição da identidade, bem como, a produção de significados e sentidos na urbe. Os grafiteiros, conseqüentemente o grafite, têm se mostrado algumas vezes carentes devido a falta de atenção de instituições públicas governamentais - Estado e Município - aos gritos que são diariamente escritos nas paredes. Outras vezes há a atenção destas instituições, já que apoiam os desenvolvimentos de projetos e eventos na cidade que contemplam de alguma forma o grafite ou a arte urbana.

Entretanto, estes responsáveis ainda têm de compreender a função primordial do grafite que, antes mesmo de embelezar, pode ter a proposta de ser um ato de resistência e protesto. A beleza, advinda do grafite como arte, pode ser vista como uma consequência neste processo que ainda está em desenvolvimento em sua abrangência de público e adesão de novos artistas ao movimento.

A população de Fortaleza, o público da cidade, ainda não elaborou uma interpretação sobre o grafite como arte. Há muitas divergências quanto ao conceito do grafite. Discordância esta que não é só de leigos, mas também embates entre estudiosos, pesquisadores, intelectuais, entre grafiteiros e artistas. Isso porque o Brasil é um dos únicos países que diferencia grafite e pichação. Será a mesma coisa? Os dois partem do mesmo princípio? Qual objetivo de cada um? Qual é marginal? Mas será que os dois não são marginais? Entre tantas outras dúvidas levará ainda um certo tempo para que se tenha clareza da sua representação e especificidade. O livro-reportagem sobre grafite em Fortaleza não tem o objetivo de responder a essas questões, mas de levantar questionamentos, apresentar as divergências e possibilitar ao público uma visão ampla e aprofundada do tema que também não se esgota apenas neste livro.

## REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CAMPOS, Ricardo. **Porque Pintamos a Cidade? Uma Abordagem Etnográfica ao Graffiti Urbano**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FARIAS, Carla Galvão. **Um passeio enativo com acidum: arte urbana em Fortaleza e a criação de ficções pela cidade**. 2015. 134p. Tese (Mestrado em Artes) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, 2015.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Atica, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Manole, 2009.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário**. São Paulo: Publifolha, 2009.

ROCHA, Paula, XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Revista Rumores**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 138-157, jul. - dez. 2013.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. São Paulo: Editora Unicamp, 2012.